

ORNAMENTAÇÃO

Cintia Magno

Não apenas em lojas especializadas, mas em pequenas vendas, nas feiras e até mesmo pela internet. Desde que as medidas mais rígidas de isolamento social começaram a ser amenizadas em Belém, a oferta de vasos e mudas de plantas ornamentais tem ocupado cada vez mais espaço da cidade. Para quem, além de gostar, tem um bom conhecimento sobre o cultivo, mais do que uma atividade que ajudou a enfrentar a pandemia, o cuidado com as plantas também passou a ser visto como uma boa oportunidade de renda.

A atenção à quantidade ideal de luz, água e adubação que as plantas exigem já faz parte da rotina da economista Rosemira Siqueira Pinto, 41 anos, há pelo menos 15 anos. Diante da necessidade de se manter em isolamento em casa em decorrência da pandemia do novo coronavírus, porém, os hábitos se intensificaram até o momento em que o quintal ficou pequeno para as mudas cultivadas.

“Durante a quarentena eu fiquei estudando bastante, fiz vários cursos on-line gratuitos e cada planta que eu tinha, ia vendo como poderia melhorar”, conta. “Se eu não tivesse feito isso, não sei como eu teria passado por toda essa situação da pandemia. Cuidando das plantas eu acabei diversificando a minha atenção e pude me ocupar com outras coisas, para além da pandemia em si”.

A experiência já cultivada e o novo conhecimento buscado deram tão certo que logo Rosemira viu o espaço de casa ficar pequeno. Foi quando os vizinhos começaram a perguntar se ela vendia mudas, despertando a ideia de buscar uma renda extra com a atividade. A partir das plantas que já tinha em casa e com a ajuda do esposo, o biólogo André Ravetta, 45, Rosemira começou a fazer as mudas para os vasos comprados e montou uma pequena exposição das plantas, pela primeira vez, no último dia três.

Ao novo negócio a economista deu o nome de Jardineira Muiraquitã. “Eu nunca pensei em ganhar dinheiro com plantas, eu sempre tive essa atividade como um hobby. Mas durante a pandemia eu pude perceber que eu posso ganhar dinheiro com uma coisa que eu gosto de fazer”, considerou. “Essa foi a minha primeira experiência e, apesar do cansaço, eu fiquei tão feliz que quero fazer de novo”.

Foi também a partir de um gosto pessoal que o aposentado Jorge Peixoto, 58, e o administrador Wilson José de Oliveira, 57, deram início ao JP Garden Truck. Em junho de 2019, o casal decidiu expor algumas das mudas provenientes das plantas que eles já tinham no quintal. As primeiras mudinhas foram vendidas ali mesmo, na frente de casa, até que eles perceberam a boa aceitação e decidiram investir mais no negócio em busca de uma renda extra.

“Começamos na frente de casa, depois fomos para uma área mais próxima da Feira da 25 e acabou dando tão certo que decidimos investir em uma kombi”, conta Wilson.

Com o veículo decorado, Wilson e Jorge começaram a circular pelo entorno do bairro do Marco, até que encontrassem um local de parada ideal para a proposta do negócio, o canteiro central da avenida Rômulo Maiorana. Antes de dar início às vendas no local, eles conversaram com os moradores do entorno e legalizaram a ins-

talação junto às autoridades. Não demorou para que o retorno aparecesse.

“Antes da pandemia vimos que já tinha uma aceitação, mas, com a pandemia, percebemos que o interesse cresceu bastante”, observa, ao explicar que durante a pandemia o negócio funcionou no sistema delivery. “O nosso público é formado por muitas pessoas holísticas, místicas, então as plantas que têm essa referência de proteção saem bastante, como é o caso da ‘espada de São Jorge’, que protege a casa. Outras espécies estão ligadas ao saudosismo, são plantas que as pessoas lembram da infância, da casa da avó, de uma madrinha, como é o caso da que é conhecida popularmente como ‘onze-horas’”.

Entre os pedidos recebidos pelo engenheiro agrônomo Clark Alberto Souza, 29, um bom volume diz respeito às chamadas ‘plantas de sombra’, como as da família das aráceas, que incluem uma espécie muito procurada nos últimos meses, a ‘costela-de-adão’. “Isso é muito em decorrência de um estilo de decoração que está muito em alta hoje, que é o urban jungle, como se fosse uma ‘floresta’ dentro de casa”. Ele conta que desde a faculdade se interessou pela área e por algum período trabalhou

em uma floricultura como o responsável pelo cuidado com as plantas.

Com a chegada da pandemia, porém, o engenheiro agrônomo acabou sendo desligado da empresa e foi nesse momento que ele viu uma boa oportunidade de iniciar um negócio próprio, a Nativa Jardim. “Logo no início da pandemia o movimento nas floriculturas caiu bastante e eu e outros colegas acabamos saindo da loja”, lembra. “Mas com o passar dos dias eu notei que a demanda por plantas estava aumentando e vi um mercado promissor, foi quando eu criei um perfil no Instagram”.

MUDAS

Antes da pandemia, Clark conta que já costumava fazer algumas mudas para vender aos amigos e conhecidos que sabiam que ele trabalhava com o ramo. Com a saída do emprego e a pandemia, porém, ele decidiu intensificar a divulgação do negócio. A partir das publicações nas redes sociais, o agrônomo recebe encomendas de mudas e plantas e faz a entrega à domicílio, além de compartilhar dicas de cultivos, etc.

“Aumentou bastante a procura. Atendi muitos casos de pessoas que não tinham nenhuma planta em casa e que, com a pandemia, tiveram mais tempo

para se dedicar e decidiram investir nas plantas”, conta. “A demanda foi tanta nesse período que vários amigos que não trabalhavam com isso, também passaram a trabalhar nesse período da pandemia”.

Além da internet, Clark oferece suas plantas na Feira da Pedreira, aos finais de semana. Mas a ideia é, em breve, poder montar um espaço físico para o empreendimento. “Nesse mercado é preciso buscar diversificar sempre. O que fez a diferença durante a pandemia foi a entrega porque as pessoas ainda estavam com receio de sair de casa e de lá mesmo podiam fazer o pedido”.

MUDANÇAS

Até mesmo para quem já atua há mais tempo no ramo, a pandemia trouxe mudanças. Em funcionamento há oito anos e com um espaço físico grande, uma loja instalada no bairro de Batista Campos, a Floricultura Mil Flores, viu a demanda por plantas ornamentais aumentar em 60% durante o período da pandemia do coronavírus. Um crescimento jamais esperado pelas sócias-proprietárias Sílvia Oliva Cavaleiro e Cilene Cavaleiro.

“O movimento foi tão grande que, como consequência, tivemos que contratar funcionários extras e um motoqueiro para atender à demanda do delivery”, aponta Sílvia. “Logo quando acabou o lockdown tivemos que controlar a frente da loja porque as pessoas formavam fila”.

As histórias que chegavam até Sílvia e Cilene neste período eram parecidas. “Atendemos muitas pessoas que nunca tiveram contato com plantas e, por estarem em isolamento em casa, passaram a se interessar”, conta Sílvia. “Muitos clientes nos relataram que não sabiam como teria sido passar por esse período de isolamento se não fosse as plantas porque elas exigem um cuidado que acaba ocupando a mente. A gente espera que esse movimento continue porque planta é vida”.

ESTILO

Em alta, o estilo de decoração conhecido como ‘urban jungle’ costuma incluir o cultivo de plantas no interior das residências, passando a ideia de uma floresta urbana. Dentre as espécies indicadas para o estilo estão as chamadas ‘plantas de sombra’, como é o caso das samambaia, jiboia, costela-de-adão, entre outras.

Plantas ganham muito mais espaço

Interesse pelas plantas ornamentais cresceu bastante durante o período da pandemia, tanto que algumas pessoas viram no cultivo e venda desses vegetais uma oportunidade de se ganhar uma renda extra



EM IMAGENS 1 André e Rosemira 2 Clark Souza 3 Wilson e Jorge 4 Sílvia e Cilene
FOTOS: MAURO ÂNGELO

PREFERÊNCIA



● Apesar de já gostar de plantas, sobretudo de flores, a historiadora e professora Raquel Castro, 35, foi uma das pessoas que aproveitou o maior tempo em casa, em decorrência da pandemia, para colocar mais verde dentro de casa. “Eu já tentei algumas vezes colocar plantas em casa, mas nunca tive um tempo para me dedicar de fato. Com a pandemia, estando em casa, comecei a ter vontade. Comecei com uma e de repente já queria outra, outra, outra. Quando eu vi já estava pedindo mudas por aí”, sorri. “Eu comecei um tratamento para transtorno de ansiedade com psicólogo e terapia porque fiquei muito aflita durante a pandemia e, para mim, as plantas ajudaram bastante também, foi uma terapia alternativa para mim”. Aos poucos o espaço verde do quintal foi crescendo e a historiadora conta que, no momento, ela e a família já se dedicam à criação de uma horta. Com o passar do tempo, além de Raquel, o bem-estar proporcionado pelas plantas também atraiu o seu esposo e o seu filho. “Toda tarde, quando não chove, nós três descemos para o quintal, aproveito para olhar as plantas, ver se estão doentes ou precisando de alguma coisa, o Miguel (seu filho, de três anos) fica brincando no meio das plantas, então acabou envolvendo todos nós, toda a família”.

● Também no caso da professora Graça Alves, 70, o quintal é espaço de relaxamento. Ela conta que sempre gostou de plantas e animais e, durante a pandemia, também pode se dedicar mais à paixão. “Foi um período em que eu pude dar mais atenção às plantas e a natureza mesmo dentro de casa. Eu costumo conversar com elas quando eu vou molhar porque as plantas são seres vivos e, portanto, também precisam de um carinho, atenção. Se não tiver esse cuidado elas não vão para frente”. Apesar de gostar de todas as espécies que têm em casa, Graça conta que o ‘xodó’ maior é pelas plantas que dão flores. “Eu não canso de olhar para as minhas flores. Elas trazem uma energia, acalmam, serenam. É uma terapia, realmente, e já conhecida”.



Graça Alves